

OS MONGES BARBUDOS DE SOLEDADE E O CONFLITO COM O ESTADO EM 1938: MEMÓRIAS COMPARTILHADAS ENTRE GERAÇÕES.

SOLEDADE'S BEARDED MONKS AND THE CONFLICT WITH THE STATE IN 1938: MEMORIES SHARED BETWEEN GENERATIONS.

Simone Pinho de Oliveira¹

Resumo: Este artigo traduz pontos da pesquisa qualitativa exploratória, que espalha-se sobre o compartilhamento memorial através da oralidade, entre os participantes do movimento sócio-religioso dos monges barbudos de Soledade e seus descendentes, buscando indícios da memória herdada sobre o trágico conflito em 1938. Os acontecimentos iniciaram com a passagem do andarilho chamado João Maria pelas terras do agricultor André Ferreira França (Deca), no Rio Grande do Sul, ao pé da Serra do Botucaraí, interior de Soledade, e avançaram com uma legião de seguidores de João Maria que identificavam Deca como guia espiritual e benzedeiro. Os barbudos avolumaram-se, organizaram-se, cooperavam entre si, buscavam preservar os recursos naturais, usavam benzeduras e ervas curativas e cultivavam uma forte religiosidade. A margem de padrões religiosos e comerciais, acabaram, como outros movimentos semelhantes, gerando medo. Medo do desconhecido, medo do outro, onde a incompreensão dos motivos ou razões do modo de vida do outro, levaram e levam a classificação do “eu” e do “outro”, do “nós” e do “eles”, dos “bons” e dos “maus”, e conseqüentemente, à necessidade de purga do medo generalizado, do medo coletivo, pela força e violência.

Palavras Chave: Monges barbudos. Herança memorial. Memória traumática. Identidade.

Abstract: This article expresses points of the qualitative-exploratory research, which expands the memorial sharing through orality, among all the participants of the social religious movement of the bearded monks from Soledade and their descendants, seeking trace of the inherited memory about the tragic conflict in 1938. The events started with the transit of the wanderer called João Maria through the lands of the farmer André Ferreira França (Deca), in Rio Grande do Sul, nearby the Serra do Botucaraí, countryside of Soledade, and moved on with a legion of João Maria's followers whom identified Deca a spiritual guide and traditional healer. The bearded monks increased and organized themselves, cooperated among them, seeked to preserve the natural resources, used healing rituals and healing herbs, nurturing a strong religiosity. Out of commercial and religious standards, they ended up, like others similar movements, causing fear. Fear of the unknown, fear of the other, where the incomprehension of the reasons of the way of life of the other, lead to the “I” and “Other”, “Us” and “They”, “Good” and “Bad” labels, and consequently, to the necessity of ending the general and collective fear, through strength and violence.

Key-words: Bearded monks. Memorial heritage. Traumatic memory. Identity.

“Foi uma grande injustiça”, foram as palavras mais ouvidas nas narrativas dos descendentes dos monges barbudos, sobre as memórias que carregam de seus ancestrais, bem como, de outros contemporâneos que não tem laços familiares com os monges barbudos. Mas quem foram os monges barbudos de Soledade, o que faziam e o que ocorreu em 1938 para que o Estado os combatesse violentamente? E no tempo presente, que memórias carregam consigo os seus descendentes?

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas.

O movimento dos monges barbudos de Soledade esteve esquecido por mais de quarenta anos, somente em 1981 veio à tona pelas mãos dos repórteres André Pereira e Carlos Alberto Wagner². Depois deles muitos³ trilharam os caminhos dos monges barbudos e do monge João Maria, eu recorri esta trilha com um outro enfoque, o da memória herdada.

A memória instiga a humanidade desde a Grécia antiga com Mnemósine, deusa da memória, a memória de Ebbinghaus⁴, de Durkheim⁴, de Bergson⁴, de Halbwachs⁴, de Ricoeur⁴ e de tantos outros estudiosos que dedicaram-se a ela. Memória que lança e crava suas raízes no tempo, demarcando a sua passagem, memória que carregamos conosco, em nosso efêmero faiscar na labareda do tempo histórico, memórias criadas pelas experiências vividas por nossos próprios corpos e mentes, mas também aquelas que herdamos.

Desde os primórdios humanos fomos gregários, e, como a mais de dois mil anos afirmava Aristóteles⁵ (1991), somos sociáveis por sermos seres políticos, assim, interagimos e nos comunicamos, oralmente narramos, contando uns aos outros sobre o cotidiano, ofícios, histórias familiares, fatos, acontecimentos históricos, culturais e artísticos, o outro recebe estas informações sobre o passado, e nós recebemos as informações do outro, em uma constante troca. Desta forma, no presente nossas memórias não existem isoladas do meio, do outro, dos grupos de pertencimento, dos quadros sociais de memória de Maurice Halbwachs⁶, elas fazem parte de uma tessitura, uma trama memorial com uma infinidade de outros, mesclando-se, seja pelo ambiente, o lugar, seja pela narrativa, e assim, jamais estamos sós, como bem ensinou Halbwachs (2006), pois sempre carregamos conosco uma boa quantidade de outros, e não é necessário que estes estejam fisicamente presentes, pois com eles compartilhamos nossas lembranças, e eles as deles, sejam predecessores, contemporâneos ou sucessores.

² PEREIRA e WAGNER (1981) “Monges barbudos & o massacre do fundão”.

³ VERDI (1987) “Soledade das Sesmarias dos Monges Barbudos das Pedras Preciosas”; KUJAWA (2001) “Cultura e religiosidade cabocla: movimento dos monges barbudos no rio grande do sul – 1938”; FILATOW (2002) “O movimento dos monges barbudos: do sagrado a heresia”; CREMONESE (2003) “O Massacre do Fundão: memória, oralidade e resistência. Uma história de perseguição e morte na comunidade dos “Monges Barbudos” no Centro-Serra do Rio Grande do Sul”; KOOP (2014) “A chave do céu e a porta do inferno: Os monges barbudos de Soledade e Sobradinho”; FILATOW (2015) “Política e violência em Soledade – RS (1932-1938)”; KOOP (2019) “A floresta, o curandeiro, o juiz e o capitalista: resistência mestiça em Soledade e Sobradinho”.

⁴ Hermann Ebbinghaus (1850-1909) psicólogo; Émile Durkheim (1858-1917) sociólogo, antropólogo e filósofo; Henri Bergson (1859-1941) filósofo; Maurice Halbwachs (1877-1945) filósofo; Paul Ricoeur (1913-2005) filósofo.

⁵ Aristóteles afirmava que o homem era um ser político, portanto era de sua natureza viver em sociedade.

⁶ Em 1925 Halbwachs escreveu “Les cadres sociaux de la mémoire” uma ligação entre princípios sociológicos e a memória, em sua teorização dos quadros sociais de memória, afirmava que é através dos grupos de suporte com os quais e nos quais estamos envolvidos, e onde nos relacionamos com os outros, que propiciam a ligação entre a memória individual e a social, nesta semente traz a influência da memória do coletivo sobre a individual, pela ligação que temos com o ambiente, com o outro, com a humanidade.

Michael Pollak (1992) concordava que a memória do indivíduo não se faz somente do vivido física e diretamente pela própria pessoa, mas também pelo vivido pelo outro, por tabela. Algo, suficientemente forte, com o qual o indivíduo se identifique, seja algo vivido pelos antepassados, ou pelos grupos ou comunidades onde está inserido, conseqüentemente, uma parte da memória é herdada.

Sobre o liame dos monges barbudos, tudo começou em meados de 1935, com a passagem de um andarilho, de nome João Maria (São João Maria, Santo Monge⁷), pelas terras de um pequeno agricultor de nome André Ferreira França (Deca França), no interior do município de Soledade, nordeste do Rio Grande do Sul, ao pé da Serra do Botucaraí. João Maria, era um homem franzino de barba longa e branca, o que denunciava sua avançada idade, lá permaneceu por um período incerto, quando teria ensinado a Deca França sobre as ervas curativas, benzimentos, sobre os riscos de contaminação de águas e solos, sobre respeito, sobre valores humanitários. Também teria alertado sobre os malefícios do fumo (tabaco) que os agricultores plantavam e guardavam no interior de suas casas, bem como teria feito alertas e previsões sobre o futuro, e antes de partir teria dito a Deca França que este fora escolhido para uma missão divina (VERDI, 1987).

Após a partida de João Maria, Deca França teria passado a tratar doentes com chá de ervas e benzeduras, muitas vezes utilizando uma manta⁸ benta pelo próprio João Maria, igualmente passou a ensinar os demais agricultores sobre a contaminação de águas e solos, bem como falava das previsões do futuro. O fato, é que uma forte religiosidade devotada a Santa Catarina e ao próprio João Maria se formou, o grupo avançou com uma legião de seguidores de João Maria que identificavam Deca como guia espiritual, benzedor e rezador. Ao que consta, monges barbudos, reduziram fortemente o cultivo de tabaco em suas terras, buscavam preservar as fontes de água, que consideram benta (FILATOW, 2002), e junto as quais faziam peregrinações regulares, além de reuniões na casa de Deca, onde ouviam leituras bíblicas, “a casa do Deca virou igreja, de tanta gente que ia ouvir” (VERDI, 1987, p: 93), além disto, trocavam produtos cultivados entre si.

Os barbudos avolumaram-se, organizaram-se, cooperaram entre si, viam os recursos naturais de forma alternativa para o período, buscando preservá-lo, certamente esta não era, de forma alguma, uma preocupação nos anos trinta do século XX. A questão ambiental só ganharia

⁷ Grande parte dos entrevistados durante a pesquisa, se referem a Joao Maria como São João Maria ou Santo Monge.

⁸ “André fazia curas: “Com reza e com uma mantinha que santo monge abençoou pra ele. E ele passava na gente. [...] Curava com chá e ensinava. O que ele não curava, “nem o dotor não curava.”” (KOOP, 2014, p. 209).

algum prestígio no final da década de 60 e início de 70, mas especificamente a partir de 1972 com a publicação do ““The Limits of Growth” [Os limites do Crescimento]” pelo Clube de Roma, alertando sobre a poluição e o ambiente entre outros pontos, bem como a Conferência das Nações Unidas de Estocolmo, e o surgimento do “Ecodesenvolvimento” no mesmo ano (POTT e ESTRELA, 2017). Portanto, os monges barbudos e sua preocupação com a poluição do solo, da água e do ar, suas peregrinações junto a fontes de água, que consideravam benta, estava, de certa forma, muito à frente de seu tempo, relativamente a preocupação com a poluição e o meio ambiente.

Evidentemente, à margem dos padrões religiosos e comerciais, aqueles homens e mulheres acabaram, como praticamente todos os movimentos sócio-religiosos semelhantes no país, gerando desconfiança e medo. O medo do desconhecido, medo do outro, onde a incompreensão dos motivos ou razões do modo de vida do outro, levaram e levam à classificação do “eu” e do “outro”, do “nós” e do “eles”, dos “bons” e dos “maus”, e conseqüentemente, a necessidade de purga do medo generalizado, do medo coletivo, pela força e violência.

Os comerciantes locais, ligados ao comércio de tabaco e envoltos nos círculos de poder da região, fortemente ancorados no medo que cercava o grupo, buscaram as forças policiais como meio de “resolver” aquela situação, inaceitável diante do “*status quo*” vigente, apoiaram-se na “ameaça comunista”, fartamente difundida durante aquele período, o Estado Novo varguista, de um “mal” infiltrado na nação, de “extremistas” que ameaçavam com a desagregação da nacional, e que também naqueles rincões encontrou eco, e diga-se, viera muito a calhar.

Assim, os monges barbudos, devotos de Santa Catarina e seguidores de João Maria, que tinham no agricultor Deça França seu guia, foram alcunhados de fanáticos com ideais extremistas⁹, suspeitava-se que tomariam as propriedades alheias, o “boato era que o sábado de Aleluia “era o dia escolhido para os monges se apropriarem das propriedades dos que não faziam parte da religião deles.”” (KOOP, 2014, p. 132), logo, seriam comunistas. Assim, foram atacados a tiros durante a vigília da Semana Santa de 1938, um primeiro ataque na capela de Santa Catarina, na Bela Vista, no 6º distrito de Soledade, e segundo ataque no Rincão dos Costa, 5º distrito, no domingo de Páscoa, um dia após o enterro de Anastácio Izidoro Fiúza (Tácio

⁹ Segundo Koop, consta no relatório do comandante destacamento ao comandante geral da Brigada Militar, Ofício n. 281 (18 de abril de 1938), registrado no Boletim da Brigada Militar, e que o comandante geral da Brigada Militar, coronel Agenor Barcellos Feio, enviou ao interventor federal no Estado, constava existir no município: “um grupo de fanáticos [...] suspeita de professar ideias extremistas”.

Fiúza)¹⁰, um dos líderes do grupo, morto em decorrência dos ferimentos a tiros no ataque à capela. Dos ataques e da perseguição pelo Estado, resultaram mortes, prisões e torturas, bem como, no desaparecimento dos barbudos e do movimento pacífico em que se envolveram.

No tempo presente, 82 anos após os conflitos de 1938, que memórias carregam os descendentes dos monges barbudos? Os descendentes de Alípio Gonçalves da Costa e Orlandino Gonçalves da Costa, pai e filho, ambos presos em 1938 e de Izaltina Gonçalves da Costa, todos falecidos, acreditam que as acusações de comunismo, derivaram da distorção, proposital ou não, dos ensinamentos do monge João Maria por parte daqueles que não aceitavam o modo de vida e na religiosidade dos barbudos, e que eles ouviram muitas vezes pelas narrativas de memória compartilhada por seus antepassados.

São João Maria [...] ele dizia: não sejam pegos nos teres, a terra é de todos, a terra é de Deus, todo cristão deve ter sua casinha para morar e seu pedacinho de terra, pois quando Deus fez o mundo e fez seus filhos, deixou a terra de herança para todos. Como o sol, ele ilumina para todos, e ilumina porquê os grandes não podem dominar, se não iria iluminar só para os deles, os outros iam ficar no escuro. Mas a terra os grandes dominam [...] (SILVA DA COSTA e GONÇALVES DA COSTA, 2020¹¹).

A afirmação da terra ser de todos, não significava que iriam tomar terras alheias, como foram acusados, mas chamava atenção para o poder, o domínio, e a posse excessiva, e que os barbudos deveriam observar nos atos de suas vidas, pois “ter não ia salvar ninguém, o coração é que salva, fazer o bem” (SILVA DA COSTA e GONÇALVES DA COSTA, 2020), logo, deveriam e precisavam respeitar o outro, auxiliar os necessitados, esta seria a mensagem e esta foi a prática dos barbudos, conforme narrou o casal Eva e Lori da Costa.

Certamente, o número crescente de monges barbudos seguindo os ensinamentos de João Maria transmitidos por Deca França e Tácio Fiúza, somado a grande quantidade de pessoas que buscavam tratamento para males do corpo através das benzeduras e ervas curativas de Deca França, como também a forte e fervorosa religiosidade e devoção do grupo à Santa Catarina, além da insistente e forte convicção na proteção dos recursos naturais, levaram ao surgimento de acusações contundentes.

O poder dominante, usa de instrumentos para alcançar seus fins, pois as ideias dominantes em determinada sociedade e época, não são todas as ideias de uma sociedade, mas apenas as ideias da classe dominante, que usa seus próprios meios para justificar suas ações, acontecimentos históricos têm explicações invertidas, fazendo com que as “razões” dominantes pareçam “razões da história”. Neste meio, a linguística e o discurso é uma ferramenta

¹⁰ Tácio Fiúza passou a auxiliar Deca França após este tratar e salvar sua esposa, muito doente e desenganada pelos médicos (KOOB, 2014, p. 215).

¹¹ Entrevista concedida pelo casal Eva Maria Eli Silva da Costa e Lori Gonçalves da Costa em fevereiro de 2020 no Rincão dos Costa.

importante, de construção e legitimação, conduzindo a uma cristalização de “verdade” das ideias da classe que está no poder, totalmente invertidas da realidade (CHAUI, 2004).

Também em Soledade, o discurso dominante invertido da realidade, tinha um viés de dominação, reafirmando a hierarquização social vigente, com a manutenção dos subalternos, e convinha, aos comerciantes e donos do poder local e regional.

Isto era visível nas notícias que correram a região, o estado e o país através da imprensa, e traziam unicamente a versão e discurso dominante, chancelado pela elite de poder, promovendo uma visão unilateral, uma realidade falseada, desfigurando fatos, detratando o grupo camponês dos barbudos [barbudos conforme a imprensa da época], e por fim, alimentando o medo no restante da população, como se lê:

Sangrenta investida dos “monges” barbados – Fanaticos, num bando armado, percorrem municipios do Rio Grande do Sul [...] composto de mais de mil pessoas, entre homens, mulheres e crianças, invadiu os municipios de Soledade e Sobradinho, tomando conta da igreja de Santa Catarina, localizada no sexto distrito de Soledade, onde, depois de expulsar o vigário e o sacristão, se alojou. A policia entrou em contáto [...] encontrando resistencia [...] havendo troca de tiros [...] (Jornal “A Noite”, 22/04/38).

Uma horda de mais de 1.000 fanaticos, cognominados “Monges Barbados”, invadiram os municípios de Soledade e Sobradinho, apossando-se de varias egrejas e resistindo a acção policial (Jornal “Correio do Paraná”, 23/04/38).

A narrativa jornalística não refletia a realidade, pois não houvera uma invasão municipal, uma vez que os barbudos eram residentes locais de Soledade ou Sobradinho, onde muitos eram proprietários de terras. Os membros do grupo eram pacíficos, aconselhados a sempre “dar a outra face” em caso de agressões, além disto, na capela de Santa Catarina, na localidade da Bela Vista, sexto distrito de Soledade, não havia vigário ou sacristão na época, o vigário vinha da sede municipal, e passava na região de 2 a 3 vezes ao ano, não mais. Por fim, os barbudos não andavam armados, como se lê nas afirmações da mesma imprensa que os detratava, e também em relatório policial de março de 1938, anterior ao conflito de abril.

*[...] Sobradinho e Soledade, onde fanaticos promoveram manifestações ruidosas que se degeneraram em graves conflitos. Foram cenas impressionantes em que ameaçavam a tranquilidade dos habitantes daqueles municípios. [...] Os fanaticos tomaram o nome de “Monges barbados”, isso porque não se barbeiam, nem cortam os cabelos, transformando-se em figuras tremendas. O domínio de uma **falsa religião desses homens vai ao ponto de enfrentar os policiais e as carabinas destes, contra as quais só têm a “fé”** [...] (Jornal “A Noite”, 10/05/38, grifo meu).*

O relatório elaborado em março de 1938 e registado em boletim da Brigada Militar, e que posteriormente foi enviado ao interventor federal do estado, coronel Cordeiro de Farias. No relatório, o tenente Januário Dutra classificava os barbudos: “são descendentes de nosso

caboclo indolente, poucos gostam de trabalhar” [...] “por meio de uma seita religiosa, [...] procuraram a se reunir e se auxiliarem mutuamente” (KOOP, 2014: 121). Neste relatório o tenente Dutra, também registrou o pacifismo dos monges barbudos, afirmando que tinham determinação para “**andarem desarmados, respeitar as autoridades, apanharem e não brigarem**” (KOOP, 2014: 121, **grifo meu**), ainda afirmava que não bebiam e trabalhavam pouco, pois não trabalhavam aos sábados e domingos.

Ora, em suas “versões” a imprensa demonstrava a dubiedade da informação que trazia, hora afirmando que um bando, uma horda de tremendos barbudos fanáticos resistira a ação policial com troca de tiros, e ao mesmo tempo, desdenhava da “falsa religião” e do modo como “resistiam” só com a “fé” ao ataque policial a tiros de carabinas. A própria Brigada Militar do Estado, no relatório policial do tenente Dutra, um mês antes do conflito do mês de abril, deixava claro o pacifismo do grupo e o não uso de armas.

Em clima de acusações, desconfiança e medo, e mesmo tendo ocorrido prisões de alguns monges nos meses anteriores, um grande grupo de barbudos e suas famílias se reuniram em vigília para rezar na Semana Santa de 1938, o grupo aguardava a vinda do próprio João Maria para a celebração de Páscoa, no domingo dia 17 de abril na capela de Santa Catarina.

A vigília dos monges barbudos iniciou na quarta-feira dia 13 de abril de 1938 na capela onde costumavam se reunir em oração, localizada na Bela Vista, sexto distrito municipal de Soledade [hoje município de Segredo]. A vigília culminaria com a celebração no domingo de Páscoa juntamente com João Maria, porém, no amanhecer da quinta-feira Santa, dia 14, um grupamento da polícia militar do Estado, juntamente com um grupo de civis armados, chegou às escondidas surpreendendo a todos, deflagrando um violento ataque a tiros sobre os monges em vigília na capela, os “soldados e colonos atiravam entre gritos e gargalhadas” (VERDI, 1987, p. 131), os barbudos, homens, mulheres e crianças estupefatos correram para o mato na ânsia de sobreviver.

No ataque a capela de Santa Catarina, restaram dúvidas entre o número de mortos apontados pelas forças policiais do Estado e os relatos sobre o conflito, segundo Fabian Filatow (2002, p. 161) anos depois, informações do Coojornal de 1980, davam conta de que “Naquela manhã, horas mais tarde, o advogado Evaristo Teixeira do Amaral Filho, ao passar pelo local, vindo de “Sobradinho para Soledade, contou 12 mortos cravados no arame. [Porém] [...] nunca se confirmou essa dúzia de cadáveres, [...]. O velho Evaristo, aos 83 anos, não acredita nisso” (COOJORNAL, Mai/1980, p. 29 apud FILATOW, 2015, p. 161), e Filatow ainda afirma que “Também sobre os números de mortos paira incerteza”.

Certo é que muitos foram presos, e que na capela também foi ferido de morte Anastacio Izidoro Fiúza (Tácio), que junto com Deca França era um dos aglutinadores dos barbudos, ele faleceu no dia seguinte ao ataque a capela, e pediu para ser sepultado nas terras de Alípio Gonçalves da Costa, em um pequeno cemitério da família, na localidade do Rincão dos Costa (Rincão dos Barnabés) no 5º Distrito de Soledade, hoje município de Jacuizinho. No local estava sepultado o avô de sua esposa, falecido no ano anterior, em 1937, e foi lá, um dia após seu sepultamento, que ocorreu o segundo ataque.

O mentor espiritual dos monges barbudos André Ferreira França (Deca), foi morto pelas forças policiais do Estado em 16 agosto de 1938 na localidade de Coloninha no 5º Distrito de Soledade, hoje pertencente ao município de Arroio do Tigre. Deca foi perseguido por quatro meses após o conflito da Semana Santa no mês de abril, em um cerco policial que se estabeleceu na região para encontrá-lo.

No tempo presente, um dos descendentes de Deca, o senhor Antônio Oli Ferreira França narra as memórias familiares que carrega, “tio Deca velho era irmão do vovô João França [...] na guerra, [...] da religião dos barbudos que saiu aqui na Santa Catarina, que veio o quartel [...], vieram 200 cavaleiros e mataram... [seu Oli parou como quem procura uma lembrança] um tio, um tio do pai, o irmão do vovô” (FRANÇA, 2020¹²). Seu Oli contou os relatos de memória que ouviu de seus pais sobre o ataque a capela de Santa Catarina:

Os policiais “vieram atorando as cercas de arame, e vieram, e fizeram um bombardeio [referindo-se ao ataque a tiros na capela de Santa Catarina na Bela Vista], mataram mulher, mataram criança, foi coisa mais feia lá na igreja, era uma igreja de madeira, depois foi contado nas paredes, não sei quantos tiros de fuzil. Morreu muita gente ali. Uns conseguiram escapar, outros morreram dentro da igreja, no tiroteio” (FRANÇA, 2020).

O ataque às famílias reunidas para celebração da Páscoa na capela de Santa Catarina foi de violência brutal, mas o policiamento do Estado não terminara. No domingo de Páscoa, um dia após o sepultamento de Tácio Fiúza, no Rincão dos Costa, um grupamento policial novamente acompanhado de um grupo de civis armados, atacou os monges barbudos.

Grande parte dos que estiveram na vigília na capela de Santa Catarina, haviam se deslocado para o sepultamento de Tácio no Rincão dos Costa, e diante de um alto volume de chuva, viram-se obrigados após o sepultamento, a pernoitar nas terras de Alípio Gonçalves da Costa, que se encontrava preso desde o ataque a capela de Santa Catarina, junto com o irmão Crescêncio Gonçalves da Costa e muitos outros barbudos. Conforme Pereira e Wagner a chuva permitira “o segundo ataque. Pois o povo não conseguiu sair da casa de Alípio para enfrentar o

¹² Entrevista concedida pelo senhor Antônio Oli Ferreira França em fevereiro de 2020 no Campestre do Lagoão.

barro escorregadio das estradas até hoje cobertas de terra. E, enquanto isto, os perseguidores ganhavam tempo, avançando lentamente” (PEREIRA e WAGNER, 1981: p. 42).

Sobre o segundo ataque das forças policiais do Estado, após o sepultamento de Tácio Fiúza, os descendentes dos barbudos o casal Eli e Lori da Costa, narraram as histórias que ouviram dos seus antepassados, e também aquilo que viram com os próprios olhos, os buracos dos tiros que marcavam as paredes da casa velha, que era a casa do avô de seu Lori, Alípio Gonçalves da Costa, invadida e atacada pelas forças policiais após o sepultamento de Tácio Fiúza:

Contei muito essa história [Lori], muitos vieram, esta história não é do meu tempo, tenho 68 anos, é uma história de trinta e poucos [...] mas eu ouvia as história do avô, da mãe que participou, dos tios, eu era pequeno, do tamanho deste piá [aponta para o neto], eu gostava de escutar, sempre gostei de escutar os mais velhos, a gente de novo não esquece.

Ali na casa velha [Lori apontando para o lado] onde hoje tem a casa do meu irmão, ele [Tácio] foi velado, era tudo aberto aqui, só tinha marcos de divisa, foi sepultado já era tarde, e era frio, era abril, [muitos] ficaram aqui para ir no outro dia, a casa era grande [...], e denunciaram que estavam todos reunidos aqui. No clarear do dia bateram aqui [a polícia e os contrários¹³], armados de fuzil, atiraram dentro da casa onde estava cheio de gente, um morreu, muitos se feriram, mas não morreu mais gente por que uma moça, a Andreza¹⁴, do Despraiado, e mais duas moças chamaram por Santa Catarina. Se postaram na frente dos soldados que lá não tinha bandidos e diziam para todos saírem da casa, teve soldado que largou a arma no chão. Era como se o Espírito Santo tivesse auxiliado as moças, teve soldado chorando.

Prenderam mais de 100, meu avô jogaram até veneno na cabeça, rasparam a barba e o cabelo, passaram graxa, ficou com problema nas vistas.

Todo mundo tinha medo, foram muito perseguidos, hoje se pode falar, mas os mais velhos tinham medo.

A casa do sogro [disse D. Eli] tinha marcas dos tiros de fuzil, muitos anos, tudo furado de bala, depois fizeram a casa nova, podiam ter matado todo mundo” (SILVA DA COSTA e GONÇALVES DA COSTA, 2020).

Uma centena de agricultores feitos prisioneiros no Rincão dos Costa no domingo de Páscoa, foram tratados como animais, amarrados pelos pulsos e levados a uma mangueira de gado, onde permaneceram dias, neste caminho foram ameaçados de degola, como relatou na década de 80 a senhora Izaltina Gonçalves da Costa (falecida), que participou do movimento quando jovem, mãe do senhor Lori, ouvido no tempo presente em nossa pesquisa. Na década de 80 Dona Izaltina relatou que:

Viu na rua [...] muita gente da vila, os comerciantes, junto com os soldados, dizendo que iam nos degolar. Enquanto nos conduziam para a mangueira, os adultos pediam para ao menos poupar as crianças [...] eles diziam para a gente calar a boca. Que a

¹³ Como eram chamados os civis da região que combateram e perseguiram os monges barbudos.

¹⁴ Andreza Gonçalves da Costa [nome de solteira] era sobrinha de André Ferreira França [Deca], filha de sua irmã Delfina França e de Estácio Gonçalves da Costa, irmão do avô de seu Lori, a ela era atribuída a representação de Santa Catarina.

gente tinha armamentos em casa, que era vagabundos e comunistas (PEREIRA e WAGNER, 1981: p. 42-44).

Neste mesmo sentido, sobre o tratamento brutal a que foram submetidos os monges barbudos, após o ataque e prisão no Rincão dos Costa, também relatou nos anos 80, o barbudo João Maria Alves da Silva (falecido):

A gente apanhava mesmo [...]. Eles nos ameaçavam de fuzilamento [...] caminhamos por 16 quilômetros, puxados como animais, com os pulsos doídos e queimados pelo sal que colocavam junto as cordas, [...] [depois] nos levaram para a cadeia de Soledade. No presídio nos interrogaram, nos bateram muito e depois nos soltaram dizendo que matariam quem encontrassem barbudos (VERDI, 1987: p. 134).

Retomando a perseguição e o medo que os antigos carregavam, citados pelo casal Costa, o descendente de Deca França, senhor Oli, contou a narrativa de memória transmitida a ele pelo pai (falecido) sobre a arbitrária prisão que sofreu aproximadamente em 1945, sete anos após o conflito e a extinção do movimento dos monges barbudos de Soledade:

O pai foi preso, mas não por causa da religião, tinha morrido, a mãe da mãe, a sogra. Naquele tempo era diferente de hoje, quando morria um parente, não cortava a barba, vestiam preto. Daí bateram em casa, a mãe toda de preto, os mais velhos eram criança, eu nem tinha nascido, ele [o pai] de camisa preta, barbudo, vieram, e nem era a polícia, era o subprefeito, levaram ele para as Tunas, passou a noite preso. No outro dia que consegui contar o caso para o chefe de lá, disse: “escuta, o que aconteceu com o tio [...] eu não tenho nada a ver, eu estou assim porque estou de luto, faleceu minha sogra, não vou andar de roupa encarnada e barba feita”. Ai foi solto. Mas faziam confusão pela barba grande [...] isto foi lá por 1945 [...] ficou a perseguição, o quartel não estava mais, mas o subprefeito, subdelegado, ficavam controlando (FRANÇA, 2020).

A prisão do pai do senhor Oli sete anos após os trágicos eventos de 1938, demonstra que a vigilância e a persecução não se extinguiu com o final do movimento. Da mesma forma, fica evidente no presente, pelas narrativas de memória familiar transmitidas pelos barbudos aos seus descendentes, que ouvimos no tempo presente, é que todos, de alguma forma, tem noção da disposição do “outro” para perseguir os divergente, e que este pode não ser um fato exclusivo do passado. Mesmo hoje, mais de 80 anos depois, a questão das perseguições parece assombrar alguns, o que não surpreende, diante da violência que sofreram seus antepassados, e principalmente pelo não reconhecimento da violência imposta por parte dos poderes constituídos, já que ninguém foi condenado pelas mortes durante os dois ataques policiais, pela execração pública que sofreram, pelo assassinato do líder espiritual Deca após quatro meses de cerco policial na região, pelas torturas sofridas por aqueles pequenos agricultores que escolheram viver pacificamente, cooperando entre si, preservando fontes de água e solo, ninguém foi indenizado pelos danos sofridos.

Como visto, o discurso dominante e a violência ainda tem seus efeitos no presente pois durante o período de pesquisa na região, várias pessoas, assim que se anunciava o assunto dos barbudos, simplesmente alteravam a fisionomia e afirmavam serem histórias antigas, que não tinham lembrança dos relatos familiares sobre isto, estabelecendo um forte distanciamento. O esquecimento advém do que não já traz significação no presente, mas também do que carrega significação demasiadamente fortes (PORTELLI, 2016), o indizível.

O sentimento de impotência diante do desenrolar do tempo histórico, foi demonstrado por grande parte dos ouvidos durante a pesquisa de campo, relatos de profundo sentimento por não ter meios de “comprovar” aquilo que os antigos transmitiram, as previsões de João Maria, exaustivamente repetidas por seus seguidores. Como se vê na narrativa de Dona Laura Ruez e de seu filho Sebastião Russoli de Lima Pinto, D. Laura era enteada de Andreza Gonçalves da Costa, sobrinha de Deca França:

Sebastião: Eu tenho 49 anos, [...] a gente naquela época não tinha nada [...] não tinha celular, não tinha nada... Para gravar, não é. [...] Se a gente tivesse uma coisa para gravar o que ela [Andreza] contava, naquele tempo. E ela sempre dizia: “Vocês vão viver para ver”, e hoje nós estamos vivendo para ver o que está acontecendo no mundo.

D. Laura: E o que já aconteceu.

Sebastião: E que aconteceu, e ela dizendo: “Vocês vão ver muita coisa que vocês vão se admirar, que vai acontecer” (RUEZ e PINTO, 2020).

Para eles hoje, muitos acontecimentos comprovam as previsões de seus antepassados, e como eles diziam, “eles estão vivendo para ver”, como por exemplo a contaminação das águas e do solos; os malefícios do tabaco; as informações e comunicações instantâneas em nossas casa; a cega busca pelo “ter” a qualquer preço; a “sementinha” que tomou todos os espaços e cultivo, e que acreditam que seja a soja.

Como ensinou Benjamin, a verdadeira narração é uma relação artesanal, típica dos artesãos, que coordena alma, olhar e mãos, os gestos carregados da experiência do trabalho, sustentam de “cem maneiras” o fluxo das palavras. Ela trabalha a “matéria-prima da experiência”, própria e do outro, transmutando-a em um “produto sólido, útil e único”. Dona Laura e Sebastião, seriam, neste sentido, eles próprios os rastros deixados pelas narrativas de memórias de Andreza, uma artesã da verdadeira narração, através do compartilhamento memorial entre gerações, eles são as testemunhas dos documentos que lamentam não ter, pois segundo Benjamin, nada que um dia aconteceu está perdido para a história, pois entre as gerações que nos antecederam e a nossa há um encontro secreto marcado, um apelo lançado do passado, e assim narramos sobre aqueles de quem hoje não ouvimos nem mesmo os ecos de suas vozes, como também não podemos respirar o ar que respiraram. Nos apropriamos de

reminiscências que fundam uma cadeia de transmissão de acontecimentos entre gerações, tecendo uma rede de histórias que se constituem entre si (BENJAMIN, 1987), como ocorreu com Andreza, a enteada Laura e seu filho Sebastião.

No presente, no desenrolar desta pesquisa com os sucessores dos monges barbudos, claramente se observou que aqueles trágicos acontecimentos marcaram fortemente a identidade de um grupo de pessoas, todas ligadas de forma ancestral aos participantes do movimento nos anos 30 do século XX, como muitas famílias também estão ligadas entre si por laços matrimoniais entre seus membros, tornando evidente a afirmação de Pollak, de que acontecimentos traumatizantes que marcaram um grupo ou região, pode ter sua memória transmitida por séculos com forte identificação (POLLAK, 1992).

Pollak também afirma que memórias traumatizantes, ainda que fiquem décadas “confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas” (POLLAK, 1989), aguardando o momento, em que outros, estejam aptos ao reconhecimento e a valorização destas memórias, este “silêncio”, longe de levar ao esquecimento, demonstra a resistência de um grupo ou sociedade aos excessos impostos pelos discursos oficiais. O que também pode-se identificar no caso dos monges barbudos, embora definitivamente tenham ficado em silêncio, por décadas, até os anos 80, certamente sabendo da possibilidade da perseguição, silenciaram. Porém, longe do esquecimento, o tempo só reafirmou identidades e reforçou amarguras contra a violência experimentada, e o momento de ruptura do elo da corrente de silêncio chegou, provavelmente, como dito por Pollak (1989), quando as poucas “testemunhas oculares” vivas, já muito idosas, e se vendo próximas do fim inevitável, entregam suas lembranças contrapondo o esquecimento. Assim, compartilharam suas memórias, incentivando as gerações seguintes a difundir aquelas memórias traumáticas, e de geração em geração elas foram oralmente transmitidas, como vimos.

Por fim, deixo como reflexão o relato casual de uma moradora da Bela Vista, local da capela de Santa Catarina, hoje município de Segredo. A jovem senhora [F.B.] que não descende dos barbudos, contou que em meados da década de 90, após uma forte tempestade que assolou o local, ouviu de alguns moradores a “explicação” sobre aquele evento climático: A destruição causada pela tempestade acontecera por causa “do que fizeram os barbudos”. Mais de 50 anos após, uma tempestade, um evento climático era atribuído aos monges barbudos, agricultores que escolheram viver pacificamente, cooperando entre si, preservando fontes de água e solo, devotados a Santa Catarina. Sem dúvida “Foi uma grande injustiça”!

REFERÊNCIA:

- ARISTÓTELES. Ética do Nicomaco: Livro IX, 9. Tradução: Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross. São Paulo: Nova Cultural Ltda., 1991. ISBN 8513002143.
- BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas I: Magia e técnica, Arte e Política. 3. ed. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Perspectiva, 1987. ISBN 9788511156287.
- CHAUÌ, Marilena. O que é ideologia. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- DOIS municípios gaúchos invadidos por um bando de fanáticos. *Correio do Paraná*. Curitiba, 23 abr. 1938. Chamada de capa. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 10 mar. 2018.
- FILATOW, Fabian. O movimento dos monges barbudos: do sagrado a heresia. Rio de Janeiro: Gramma, 2017. ISBN 9788559681659.
- _____. Política e violência em Soledade – RS (1932-1938). 2015. 258 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Ufrgs, Porto Alegre, 2015.
- FRANÇA, Antônio Oli Ferreira. Entrevista 04. Campestre do Lagoão, Lagoão-RS. Entrevistadora Simone Pinho de Oliveira, 07 de fev. 2020.
- HALBWACHS, M. A memória coletiva. 9. ed. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. ISBN 9788588208742.
- _____. Les cadres sociaux de la mémoire. Québec: Édition électronique, Chicoutimi, 2002.
- KOOP, Maria da Glória Lopes. A chave do céu e a porta do inferno: Os monges barbudos de Soledade e Sobradinho. 2014. 280 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- PEREIRA, André; WAGNER, Carlos Alberto. Monges barbudos & o massacre do fundão. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricas*. Rio de Janeiro: v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- _____. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricas*, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 3-15, jan./jun. 1989.
- PORTELLI, Alessandro. História Oral Como Arte da Escuta. Tradução: Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016. ISBN 9788562959479.
- PROCISSÃO soturna dos “monges barbados”. *A Noite*. Rio de Janeiro, 10 mai. 1938. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 10 mar. 2018.

POTT, Crisla Maciel; ESTRELA, Carina Costa. Histórico ambiental: desastres ambientais e o despertar de um novo pensamento. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 31, n. 89, p. 271-283, Abr. 2017.

RUEZ, Laura; PINTO, Sebastião R. de L. Entrevista 05. Despraiado, Tunas-RS. Entrevistadora Simone Pinho de Oliveira, 07 de fev. 2020. 50 min.

SANGRENTA investida dos “monges” barbados. *A Noite*. Rio de Janeiro, 22 abr. 1938. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 10 mar. 2018.

SILVA DA COSTA, Eva Maria Eli; GONÇALVES DA COSTA, Lori. Entrevista 07. Rincão dos Costa, Jacuizinho-RS. Entrevistadora Simone Pinho de Oliveira, 08 de fev. 2020. 126 min.

VERDI, Valdemar Cirilo. Soledade das Sesmarias dos Monges Barbudos das Pedras Preciosas. Não Me Toque: Gesa, 1987.